

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
TÂMARA MILENA DE ANDRADE**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: PROPOSTAS DE INTERVENÇÕES NOS  
VAZIOS URBANOS DE CASCAVEL-PR.**

**CASCAVEL**

**2017**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG**  
**CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO**  
**TÂMARA MILENA DE ANDRADE**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: PROPOSTAS DE INTERVENÇÕES NOS  
VAZIOS URBANOS DE CASCAVEL-PR.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, da FAG, apresentado na modalidade Teórico-conceitual, como requisito parcial para a aprovação na disciplina: Trabalho de Curso: Qualificação.

Professor Orientador: Carolina de Moraes Sonda

**CASCAVEL**

**2017**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG  
TÂMARA MILENA DE ANDRADE**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: PROPOSTAS DE INTERVENÇÕES NOS  
VAZIOS URBANOS DE CASCAVEL-PR.**

Trabalho elaborado e apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo da FAG, na disciplina de TCQ – Trabalho Curso: Qualificação como requisito básico para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação da Arquiteta e Urbanista, professora Carolina de Moraes Sonda.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Arquiteta Orientadora  
Carolina de Moraes Sonda  
Arq. Especialista  
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz

---

Arquiteto Avaliador  
Guilherme Ribeiro de Souza Marcon  
Arq. Especialista  
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz

**Cascavel, 23 de maio de 2017.**

## RESUMO

Os vazios urbanos são fenômenos recorrentes a qualquer cidade, sendo provenientes de áreas degradadas, abandonadas ou subutilizadas na malha urbana. Através de pesquisas bibliográficas e análises de correlatos, foi possível entender a influência do tempo sobre o espaço, o surgimento dos chamados vazios urbanos e alguns conceitos a respeito do assunto, para posteriormente intervir nesses espaços da melhor maneira. Com o intuito de atingir os objetivos da pesquisa, foram analisados projetos concretos de intervenção, que mesmo sendo de diferentes escalas, tinham como objetivo comum promover espaços de qualidade, criando espaços mais humanos e proporcionando relações entre a população e cidade. Considera-se então vazio urbano toda aquela área que não realiza sua função diante da cidade, podendo ou não conter infraestrutura. Portanto, através da arquitetura torna-se possível reutilizar ou dar um novo uso à essas áreas, auxiliando no desenvolvimento de cidades voltadas para as pessoas.

Palavras chave: Vazios urbanos, Intervenção urbana, Planejamento, Cidades humanas.

**ABSTRACT:**

The urban voids are recurrent scenario in the cities, being descendant from degraded, abandoned or underutilized areas in the urban mesh. Through the bibliographic researches and correlate analysis, it was possible to understand the time influence on space, the emergence of the urban voids and some concepts about it, for later intervene on these spaces. To accomplish the objective of the research, it was analyzed concrete projects of intervention, that even being in different scales, had the same goals to achieve, promoting quality spaces, creating human spaces and to provide relationship between city and population. It is considered that the urban void involves areas that don't performs its function in the city, it could or not have infrastructure. Therefore, through architecture I is possible to reuse or give it a new usage to these areas, helping the development of the cities for the people.

Key words: Urban Voids, Urban intervention, Urban planning, Human cities.

### LISTA DE FIGURAS:

|                                                                                                       |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1: Potsdamer Platz , área entre os prédios após intervenção.....                               | 26 |
| Figura 2: Área de Potsdamer Platz antes de ser bombardeada. ....                                      | 27 |
| Figura 3: Potsdamer Platz durante o período de construção e posterior remoção do muro de Berlim. .... | 28 |
| Figura 4: Fragmentos do muro de Berlim. ....                                                          | 28 |
| Figura 5: Potsdamer Platz após a queda do muro de Berlim e intervenção urbana. ....                   | 29 |
| Figura 6: Planejamento de Daniel Burnham para o Rio Chicago.....                                      | 30 |
| Figura 7: Mapa de Chicago – áreas de intervenção ao longo do rio. ....                                | 31 |
| Figura 8: Projeto do riverwalk referente a segunda e terceira fase. ....                              | 31 |
| Figura 9: Espaços referentes a segunda parte da intervenção. ....                                     | 32 |
| Figura 11: Áreas escolhidas para instalações olímpicas em Barcelona.....                              | 33 |
| Figura 12: Antes e depois dos projetos urbanísticos de intervenção em Barcelona.....                  | 34 |
| Figura 13: Barcelona antes e depois das intervenções. ....                                            | 35 |

## SUMÁRIO:

|                                                   |           |
|---------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                         | <b>9</b>  |
| 1.1 ASSUNTO E TEMA .....                          | 9         |
| 1.2 JUSTIFICATIVAS .....                          | 9         |
| 1.3 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA .....                  | 10        |
| 1.4 FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE .....                  | 10        |
| 1.5 OBJETIVOS .....                               | 10        |
| 1.5.1 Objetivos gerais .....                      | 10        |
| 1.5.2 Objetivos específicos .....                 | 10        |
| 1.6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....                   | 10        |
| 1.7 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO .....             | 11        |
| <b>2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS .....</b>              | <b>13</b> |
| 2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS .....                   | 13        |
| 2.2 NO URBANISMO E O PLANEJAMENTO URBANO .....    | 14        |
| 2.2.1 A cidade e as questões sociais .....        | 14        |
| 2.2.2 Urbanismo em questão .....                  | 16        |
| 2.2.3 Planejamento urbano .....                   | 16        |
| 2.2.4 História do planejamento urbano .....       | 17        |
| 2.2.5 Planejamento urbano e o plano diretor ..... | 17        |
| 2.3 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS .....            | 18        |
| 2.4 TECNOLOGIAS E CONSTRUÇÃO .....                | 19        |
| <b>3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....</b>              | <b>21</b> |
| 3.1 ESPAÇOS URBANOS: .....                        | 21        |
| 3.1.2 Concepções do espaço: .....                 | 21        |
| 3.1.3 A influência do tempo sobre o espaço: ..... | 22        |
| 3.2 VAZIOS URBANOS .....                          | 22        |
| 3.3 INTERVENÇÕES URBANAS .....                    | 25        |
| <b>4 CORRELATOS .....</b>                         | <b>26</b> |
| 4.1 POTSDAMER PLATZ .....                         | 26        |
| 4.2 CHICAGO RIVERWALK: .....                      | 29        |
| 4.3 BARCELONA - ESPANHA: .....                    | 32        |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>              | <b>37</b> |

|                          |           |
|--------------------------|-----------|
| <b>REFERÊNCIAS .....</b> | <b>38</b> |
|--------------------------|-----------|

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 ASSUNTO E TEMA

O assunto deste trabalho aborda a questão de recuperação das cidades para as pessoas (escala humana), através de intervenções urbanas. A partir do assunto abordado, tem-se como tema e foco principal as intervenções nos chamados “vazios urbanos” na cidade de Cascavel-PR.

### 1.2 JUSTIFICATIVAS

A cidade sempre foi o principal espaço de socialização, desenvolvimento material e cultural da sociedade de acordo com teóricos como Benevolo (1999) e Farret (1985). Analisando a história das cidades e seu desenvolvimento através de Maricato (2002) e Portas (2000), foi possível perceber que muitas delas não possuem um planejamento adequado que dê o suporte necessário para se desenvolverem e por isso, essas se encontram em constante transformação, deparando-se com desafios para se reorganizarem, tanto espacial quanto socialmente.

Constatou-se também, através de Gehl (2015), que atualmente as cidades são pensadas para os carros e não para as pessoas, tornando-se assim necessário um replanejamento urbano voltado à escala humana, com os pensamentos e estratégias direcionados ao bem-estar da população.

Para que isso ocorra de maneira adequada, é necessário criar alternativas e espaços que sejam convidativos e incentivem a população a permanecer e usufruir desses locais. Pallacio (2013) afirma que, humanizar uma cidade não é apenas equipá-la com infraestrutura, mas sim criar espaços agradáveis e convidativos à população, ou seja, transformar aquele espaço antes esquecido em algo que possa ser utilizado de forma proveitosa por todos.

Porém, a partir dessa reorganização das cidades, muitas vezes as mesmas perdem sua identidade e diversidade cultural, modificando toda a paisagem urbana. Por isso, é de extrema importância retomar as características únicas do local, com base nos procedimentos de gestão do espaço urbano, incentivando novos usos em áreas deterioradas ou até mesmo esquecidas pela população.

### 1.3 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Como as intervenções podem influenciar a reorganização das cidades em uma pequena escala, ou seja, em busca de uma cidade voltada à escala humana?

### 1.4 FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE

Através de propostas de espaços de uso coletivo e alternativas que convidem a população a permanecer e desfrutar da cidade como um todo, envolvendo diversas atividades buscando resgatar a cultura e diversidade, utilizando assim espaços vazios ou subutilizados.

### 1.5 OBJETIVOS

#### 1.5.1 Objetivos gerais

Elaborar propostas para os vazios urbanos de Cascavel-PR, proporcionando uma relação entre a população e o espaço urbano local.

#### 1.5.2 Objetivos específicos

- Propor espaços de qualidade para o convívio e a interação social;
- Apresentar/pontuar soluções em busca da diversidade, vivacidade e urbanidade;
- Reforçar a identidade e diversidade do local;
- Analisar projetos existentes através da metodologia estruturalista;

### 1.6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As áreas centrais das cidades se tornaram o local mais dinâmico da vida urbana devido ao intenso fluxo de pessoas, veículos e mercadorias, e também decorrente das atividades comerciais e terciárias que ocorrem naqueles locais. Essas áreas trazem uma importância cultural e econômica para as cidades, tornando-se assim um referencial simbólico para a mesma (VARGAS e CASTILHO, 2006).

Retomando o planejamento urbano das cidades através de Maricato (2002), notou-se que fatores como o acelerado processo de urbanização do cenário brasileiro acarretou em diversas consequências para as cidades, como o surgimento dos chamados “vazios urbanos”.

Vazio urbano é um termo cuja definição não é precisa. Envolve a área ociosa e o residual urbano, porém, encontramos diversas definições para esse termo, que serão apresentadas no decorrer dessa pesquisa. Brevemente explanando, os vazios urbanos, conceitualmente falando, são espaços construídos, não construídos, não ocupados ou subutilizados, qualificados como resíduos do crescimento urbano. Em muitos casos, são áreas fixas na cidade já estabilizada, resultado de uma antiga atividade industrial ou antigas infraestruturas de transporte sem uso, podendo também ser caracterizadas por áreas conservadas pelos proprietários para a especulação imobiliária (PORTAS, 2000).

Portanto, essas chamadas “intervenções urbanas” e recuperação dos vazios urbanos proporcionará, de acordo com Vargas e Castilho (2006), uma melhor imagem para a cidade, perpetuando sua história e criando um espírito de comunidade e pertencimento, seja através da reutilização de edifícios já existentes nesses espaços ou então a criação e otimização de infraestrutura. Assim como Jaime Lerner (2011, p.37) afirma, “Um terreno, quando vazio, tem que ser preenchido imediatamente, de preferência com alguma atividade de animação”. E como reflexo dessas intervenções, tem-se a reconquista daqueles espaços antes “perdidos”, uma melhor qualidade de vida e valorização da gestão vigente, que executará essas intervenções.

## 1.7 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Para realização deste trabalho foi adotada a metodologia estruturalista, método de análise que parte da investigação de um fenômeno concreto para depois construir modelos explicativos de realidade, desenvolvida por Lévi-Strauss, juntamente com pesquisas bibliográficas, buscando melhor o conhecimento e aprofundamento a respeito do assunto abordado.

A metodologia envolve várias etapas e fases que devem ser adotadas para a realização de uma pesquisa. Esse conjunto é conhecido como as técnicas de pesquisa ou métodos, os quais são adequados conforme o objetivo de cada pesquisa (CERVO, 2007).

Segundo LAKATOS E MARCONI (1999), metodologia é uma forma de realizar algo, devendo se adequar ao problema estudado, às hipóteses levantadas e buscando formas de alcançar esses objetivos. Para GIL (1996), a pesquisa bibliográfica se desenvolve através de etapas sucessivas, dependendo de vários fatores como, a natureza do problema, o nível de

conhecimento do pesquisador, utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Desenvolve-se desde a formulação do problema até a apresentação de resultados.

O presente trabalho foi dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro a introdução, que trará brevemente os assuntos abordados no decorrer da pesquisa. Neste primeiro capítulo tem-se o problema, hipótese e objetivos gerais e específicos da pesquisa, juntamente com as metodologias utilizadas para o desenvolvimento da mesma.

O segundo capítulo fará uma ligação entre os quatro pilares da arquitetura, sendo estes: histórias e teorias, urbanismo e planejamento urbano, metodologias e projetos e por último tecnologias e construção. O processo desenvolvido ao decorrer desse capítulo é chamado de aproximação teórica, ou seja, buscar em bibliografias assuntos relacionados ao tema dessa pesquisa, aproximando o tema a cada parte específica da arquitetura, abrangendo assim todas as áreas de estudo.

O terceiro capítulo é o suporte teórico e aprofundamento no tema desenvolvido, foi subdividido em temas que norteiam a pesquisa, respondendo já algumas questões como o que, por quê e como. Como o ponto específico deste trabalho é a intervenção urbana nos vazios urbanos, serão apresentados os principais conceitos sobre o espaço, os vazios urbanos e as intervenções.

O capítulo quatro discorrerá os correlatos e então o método estruturalista de análise, ou seja, partir de um elemento concreto, intervenções existentes, para uma análise abstrata de como resolver o problema de pesquisa, para assim então intervir nos vazios urbanos, criando cidades mais humanas.

Por fim, a consideração final apresentará a conclusão da pesquisa em questão, avaliando e analisando todos os elementos, desde as pesquisas bibliográficas até as análises feitas e concluirá parcialmente a pesquisa.

Na continuação pretende-se apresentar uma leitura do tema e posteriormente, será analisado a revisão bibliográfica e as metodologias aplicadas nos correlatos apresentados, permitindo assim apresentar propostas metodológicas, como croquis e diagramas, como objeto de intervenção nos vazios urbanos de Cascavel.

## 2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Nesse capítulo serão abordados os conceitos mais relevantes referentes ao tema da pesquisa, juntamente com as aproximações teóricas fundamentadas nos quatro pilares da arquitetura que direcionam essa área de conhecimento, que são: (i) a história e suas teorias, (ii) o urbanismo e o planejamento urbano, (iii) as metodologias de projeto e a (iv) tecnologia da construção.

### 2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS

A história da arquitetura relata o esforço humano e também a história de como conseguimos abrigo. Relata-se nas bibliografias que a arquitetura se iniciou a partir da prática da agricultura, a população deixou de ser nômade para se alocar em determinados locais, ou seja, surgindo assim as primeiras cidades. (GLANCEY, 2011, p.07, 14).

Através de históricos, pode-se relatar brevemente como as primeiras construções na arquitetura eram pensadas. Tomando como base a arquitetura egípcia, que tinha como principal fundamento a religião, as construções seguiam padrões rígidos, não dando margem a criatividade e imaginação. Um exemplo dessa arquitetura são as pirâmides, objeto de representação máxima da arquitetura e eram destinadas aos faraós e a vida “após a morte”. Já os gregos acreditavam no intelecto do homem e apresentavam uma arquitetura mais livre, cultuando e valorizando as ações humanas através do racionalismo. Por outro lado, os romanos apresentavam influências de dois povos, os etruscos e Greco-helenístico. Os primeiros buscavam a representação da realidade e deixaram como legado o uso do arco e da abóbada nas construções, permitindo a construção de grandes espaços sem colunas, ao contrário desta, a influência greco-helenística buscava um ideal de beleza (PROENÇA, 2001, p.18-19-27-37).

Podemos definir Arquitetura de acordo com vários teóricos. Dias (2005, p.02) afirma que, a Arquitetura é a arte ou ciência de planejar espaços organizados para atender a diferentes atividades humanas, tendo como objetivo criar regras para determinada finalidade, que sejam agradáveis aos olhos e provoquem um prazer estético. Para Gombrich (1999, p.39), existem diversos edifícios, podendo até ser considerados obras de arte, porém, dificilmente existirá uma obra que não tenha sido erigida com uma finalidade específica. E de acordo com os pensamentos de Colin (2000, p.41), o edifício além de comportar uma atividade (função *pragmática*) também

representará a sociedade, ou seja, tem um significado para a mesma, função essa conhecida como *semântica*.

No momento em que a arquitetura se adequa a um novo contexto social, ela procura se tornar científica ou realista. Os arquitetos buscam adequar-se às novas necessidades urbanas surgidas através da industrialização e as cidades passam a deixar de lado os ricos palácios e templos e necessitam de fábricas, armazéns, bibliotecas, estações ferroviárias, unidades hospitalares, escolas e moradias para todos, tanto os trabalhadores quanto a burguesia (PROENÇA, 2001, p.131).

Relatando um pouco sobre quem pratica a arquitetura, é possível afirmar que, a palavra “Arquiteto” quer dizer “grande carpinteiro”, e tudo o que se constrói se baseia em três elementos, sendo estes a *solidez*, a *utilidade* e a *beleza* (*firmitas*, *utilitas*, *venustas*). A solidez se refere aos sistemas estruturais, a utilidade a condição espacial dos dimensionamentos das obras, e a beleza aborda as intenções estéticas perante ao projeto. Atualmente busca-se o equilíbrio entre esses sistemas, abandonando o absolutismo do funcionalismo (COLIN, 2000, p.21-32-43).

A busca por esse equilíbrio ocorre através da arquitetura, arquitetura essa que para Zevi (2000, p.17-18-53) não provém de determinadas medidas que encerram o espaço (largura, comprimento e altura), mas sim do vazio, do espaço interior em que os homens vivem, ou seja, a essência da arquitetura está na tridimensionalidade que inclui o homem, correspondendo as exigências da natureza e adequando-se as necessidades da população.

## 2.2 NO URBANISMO E O PLANEJAMENTO URBANO

### 2.2.1 A cidade e as questões sociais

Tratando-se das cidades, Oliveira (2001) afirma que, “A cidade se origina da necessidade de contato, comunicação e troca entre homens e mulheres” (OLIVEIRA, 2001, p.01). Portanto a cidade nasce da aldeia, a partir do momento em que as indústrias e os serviços passam a ser executados por pessoas que não cultivam a terra, surgindo assim dois grupos sociais, os dominantes e os subalternos. A cidade é um local em que não existem zonas fechadas e autônomas, podendo ser cercada por muros, como no caso da origem da cidade grega, mas não subdividida em ambientes secundários. Já o espaço da cidade se dividia em três partes, que são: áreas privativas (casas de moradias), áreas sagradas (templos e igrejas) e as áreas públicas (comércio, teatros, órgãos políticos, etc.) e ainda compunham um organismo artificial,

respeitando os limites da natureza, interpretando essa paisagem natural e integrando-a com as obras arquitetônicas (BENEVOLO, 1999).

Para Rogers (2001, p.1-2), as cidades são organismos que absorvem recursos e emanam resíduos. Quanto maior e mais complexas elas são, maior será a dependência das áreas que a circundam e a sobrevivência da sociedade que ali habita depende do equilíbrio entre as variáveis da população, o meio ambiente e recursos naturais. E de acordo com Oliveira (2001, p.15), as cidades são instituições complexas onde existem conjuntos de relações individuais e coletivas, que apresentam variados interesses em conflito.

Após a Revolução Industrial, o modo de pensar a respeito do espaço urbano começa a mudar, pois a sociedade passa a enfrentar os problemas criados pelo processo de urbanização e industrialização. Com isso, o estudo do espaço urbano passou a buscar o equilíbrio dos processos urbanos e comprometer-se com as classes sociais urbanas (FARRET, 1985 p.19). Porém, foi através dos impactos da Revolução Industrial que surgiram as primeiras questões sobre urbanismo e planejamento, houve um progresso tecnológico e econômico nas cidades devido as instalações das indústrias, ocasionando assim, o maior êxodo rural da história. De acordo com Harouel (1990) os países com maior desenvolvimento técnico tiveram aumento da produtividade do trabalho, aumentando a produção global e possibilitando o crescimento demográfico da região. Já as cidades que não tinham infraestrutura adequada para receber esse grande número de pessoas, acabaram sendo prejudicadas e degradadas, segundo Dias (2011).

A partir 1960 começaram a surgir manifestações e protestos em busca de intervenções e renovação urbana dos grandes centros. A população protestava a recuperação de áreas que haviam sido deterioradas durante o urbanismo industrial, porém, para alguns urbanistas, o que restou dessas áreas deterioradas dificultava a livre atividade e intervenção do urbanismo moderno. Por isso, as cidades eram vistas como problemas de funcionamento e agregação de capital (DEL RIO, 1990).

Os urbanistas modernos foram os primeiros a indagar o urbanismo pós-industrial e tinham como objetivo solucionar os problemas gerados por este, mas foi o urbanismo progressista que estabeleceu a base para o urbanismo atual. Segundo Harouel (1990), o urbanismo progressista buscava a higiene como prioridade, através de áreas verdes, iluminação e ventilação natural, e dividia os espaços das cidades em três funções: residência, trabalho e lazer.

Para Choay (2003):

“A sociedade industrial é urbana. A cidade é o seu horizonte. Ela produz as metrópoles, conturbações, cidades industriais, grandes conjuntos habitacionais. No entanto, fracassa na ordenação desses locais. A sociedade industrial tem especialistas

em planejamento urbano. No entanto, as criações do urbanismo são, em toda parte, assim que aparecem, contestadas, questionadas. ” (CHOAY, 2003, p.01)

Tratando-se do cenário brasileiro, o processo de urbanização, oriundo da industrialização tardia e o crescimento acelerado das cidades, trouxeram uma série de problemas relacionados ao desenvolvimento do país. Tem-se como consequência desse processo o aumento da riqueza de uma minoria, o que por consequência agravou o problema das questões de moradia, multiplicando-se favelas e demais habitações precárias, enquanto em algumas regiões das cidades crescem ou surgem novos bairros ricos (FILHO, 2010). Oliveira (2001) também afirma como o quadro de exclusão social e violência se agravou com a expansão das cidades, com o surgimento das regiões metropolitanas e periferias. O problema das áreas periféricas continua se agravando até os dias atuais, sem infraestrutura básica e desprovidas de serviços e equipamentos urbanos essenciais.

Foi a partir desse processo de urbanização que o Brasil passou a criar planos e estratégias de planejamento baseadas no urbanismo, buscando acabar com o crescimento desordenado e falta de planejamento que havia ocorrido no contexto urbano industrial.

### 2.2.2 Urbanismo em questão

A palavra “Urbanismo”, como mencionada por Choay (2003, p.2), é recente e é definida através do dicionário Larousse como “ciência e teoria da localização humana. ” O urbanismo, é frequentemente caracterizado pela época e lugar e é diferenciado através da ação do homem, ou seja, está atrelado à ideia de que as cidades são objetos de estudo.

De acordo com Kury (2002) o urbanismo é um conjunto de assuntos relacionados à arte de edificar e representar uma cidade. Para Lacaze (1993:

“O urbanismo nasce a partir do momento em que alguém, com ou sem razão, estime ser necessário iniciar ou provocar uma ação para transformar os modos de utilização do espaço e chegar a uma “situação julgada preferível. ” (LACAZE, 1993, p.12)

Logo, o urbanismo é compreendido como o estudo do fenômeno urbano em seu espaço, trabalhando com o desenho urbano e a projetualidade das cidades, e sua composição urbana provoca discussões das formas entre os elementos estruturais, com a finalidade de definir a imagem da cidade e do bairro e os elementos variáveis (LACAZE, 1993, p. 27-28).

### 2.2.3 Planejamento urbano

O Urbanismo e o Planejamento trabalham paralelamente em busca do desenvolvimento de determinado projeto, enquanto o urbanismo é a ação, o planejamento é a diretriz. Apesar do

urbanismo ter sido considerado como disciplina autônoma apenas no século XIX e o planejamento urbano como matéria acadêmica no século XX, a história da cidade ou da urbanização, ocorrem simultaneamente a história da sociedade e do homem (COSTA, 2009).

De acordo com Araujo (2010), o foco de ação do planejamento é a organização e o desenho de assentamentos humanos, variando em diversas escalas, desde pequenas vilas até as grandes cidades. Segundo Villaschi (2003, p. 237-247), o planejamento ordena o crescimento das cidades e minimiza os problemas oriundos dos processos de urbanização. E para Villaça (1999), quando o planejamento é realizado em cidades de grande porte, o mesmo é voltado a solução de problemas de tráfego urbano, uso inadequado do solo e crescimento em áreas ilegais. Enquanto nas cidades de pequeno e médio porte, busca-se diretrizes para o desenvolvimento através de planos de organização setorial, trabalho, lazer e moradia, preservando espaços verdes na malha urbana.

#### 2.2.4 História do planejamento urbano

O planejamento urbano surgiu como solução aos problemas das cidades, tanto aqueles não resolvidos pelo urbanismo moderno quanto aos causados por ele. A expressão “planejamento urbano” vem da Inglaterra e dos Estados Unidos e marca a mudança na maneira de encarar os problemas relacionados as cidades (KOHLSDORF, 1985). E segundo Farret (1985, p. 34), o planejamento está intimamente associado ao poder público.

Para Kohlsdorf (1985), o reconhecimento do fenômeno urbano leva a encarar a cidade como resultado da sua história e algo que está em constante evolução no tempo. Deste modo, a cidade é tratada como um produto de determinado contexto histórico e não mais como modelo ideal concebido por urbanistas. Com essa mudança de pensamento, Saboya (2008) afirma que o foco do planejamento deixa de ser a cidade ideal e passa a ser a busca por solução aos problemas práticos, concretos para um controle urbano a longo prazo. Ou seja, a cidade real passa a ser o foco ao invés da cidade ideal.

Araujo (2010) afirma que, o planejamento urbano passou a focar no tratamento dos processos de produção do espaço urbano, ou seja, surge a ideia da participação da população no planejamento urbano, em que o profissional não é mais o “autor do plano” e sim o “condutor do processo”.

#### 2.2.5 Planejamento urbano e o plano diretor

No Brasil, o planejamento urbano tem como representantes os Planos Diretores e Leis de Uso e Ocupação do Solo (ARAÚJO, 2010). E o planejamento está sempre ligado às leis locais (COSTA, 2009). Plano diretor é o Instrumento básico para o processo de planejamento municipal em busca a implantação de uma política de desenvolvimento urbano, direcionando a ação dos agentes públicos e privados (ABNT, 1991).

Brasil (2002) afirma que o plano diretor é “um conjunto de princípios e regras orientadoras da ação dos agentes que constroem e utilizam o espaço urbano” (BRASIL, 2002, p.40).

Segundo Saboya (2008), o plano diretor deve orientar todas as ações concretas de intervenção sobre o território. Saboya (2007, p.39) define também que o documento apresenta de forma explícita os objetivos e diretrizes para o Município, estabelecendo princípios e normas a serem utilizadas como embasamento para as decisões nos processos de desenvolvimento urbano, para que se encaminhem na direção dos objetivos requisitados. O autor ainda fala que o mesmo deve ser elaborado diante das necessidades do município, levando em consideração o que é fundamental para o local e fornecer orientações que influenciem o desenvolvimento urbano.

### 2.3 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS

Tratando-se de lugar e processos de como criar paisagens, de acordo com Abbud (2006), o lugar é todo aquele espaço agradável que proporciona encontros entre as pessoas e estimula a prática de atividades, como descansar, meditar, ler, entre outras, já o não-lugar é o espaço que conecta dois lugares e é considerado um local de passagem.

A paisagem é definida por Mascaro (2008) como o espaço aberto que é alcançado com um só olhar. Para Filho (2001), a paisagem é a junção de elementos naturais que transmitem sensações ao observador, e essa tem o objetivo de promover o encontro entre grupos sociais de diversas maneiras. Em busca desse objetivo, existem diversas propostas de intervenções, que podem se processar em diversas escalas, principalmente nos espaços vagos, vazios ou nos não-lugares, proporcionando espaços de qualidade e que atendam às necessidades da população.

Falando sobre projetos urbanos, de acordo com Villaça (1999) e Kisil (2001), estes são dirigidos por leis e normas, sendo essas nacionais ou locais. As que possuem maior destaque são as que procuram assegurar a segurança do meio-ambiente e evitar transtornos que possam ocorrer nos espaços públicos ou privados, portanto, o projeto urbanístico se relaciona entre a realidade do entorno e a identidade cultural e socioeconômica da sociedade local.

Kisil (2001) também afirma que esses projetos devem considerar a infraestrutura local, procurando saber o que o espaço tem de melhor a oferecer e quais os instrumentos que devem ser implantados buscando a melhor qualidade do local.

Segundo Cambiachi (2007, p.169) para um ambiente urbano ser considerado agradável e cômodo, deve-se considerar alguns princípios e o mesmo deve possibilitar a chegada e entrada a todos os lugares, sendo estes públicos ou privados, proporcionando o uso de todas as instalações públicas ou privadas e também possibilitando o uso dos espaços externos que essas instalações estão inseridas.

## 2.4 TECNOLOGIAS E CONSTRUÇÃO

Atualmente a busca por uma cidade e um ambiente agradável é o que todos procuram, seja através da criação de projetos arquitetônicos ou de intervenções nos espaços urbanos. Portanto, é preciso buscar por alternativas que tragam conforto urbano, proporcionando espaços agradáveis para que a sociedade se relacione entre si, buscando a cultura e o contato com a natureza.

Para alcançar o conforto desejado utilizamos de meios “naturais” como a utilização de vegetação, proporcionando ventilação e iluminação natural, e também utilizamos de tecnologias para melhorias. Para Mascaró (1989) tecnologia nada mais é que uma série de conhecimentos aplicados a produção de bens, abordando técnicas que proporcionem organização e a eficiência ao processo produtivo. E é entendida também como:

“Conjunto doutrinário e instrumental para organizar, em vasta escala, os processos de modificação e de transformação da matéria, da energia, do habitat do homem, portanto, capaz de modificar as próprias condições de existência dos grupos humanos.” (MASCARÓ, 1989, P.47)

Segundo Adam (2001, p.41), ambientes com conforto, qualidade ambiental e segurança garantem a integridade física e mental das pessoas, proporcionando ambientes seguros, tanto físico quanto socialmente, garantindo o bem-estar e direitos à saúde. Já ambientes desconfortáveis, são considerados insalubres e perigosos.

De acordo com Krüger (2002), a adaptação do ser humano as mudanças climáticas, foi uma questão de sobrevivência e as sensações de conforto térmico também dependem das características fisiológicas do próprio indivíduo.

As propostas de intervenções dessa pesquisa buscam por um conforto urbano para a sociedade através de uma cidade que seja voltada à escala humana. Para a obtenção desse conforto, é preciso conectar os pilares da arquitetura e urbanismo como: as estratégias projetuais

e paisagísticas com questões abordadas nas matérias de conforto e tecnologias, juntamente com princípios do urbanismo e planejamento. Dessa forma, será possível criar espaços de qualidade direcionados ao bem-estar da sociedade.

### 3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

#### 3.1 ESPAÇOS URBANOS

A cidade é considerada como um espaço urbano e por isso é preciso analisar a mesma como um todo, considerando sua espacialidade, áreas, linhas e pontos, sua forma geométrica, as relações sociais, infraestrutura e funções urbanas. Nesse capítulo serão abordadas as dimensões conceituais do espaço, relações do espaço e tempo, considerações sobre a criação dos vazios urbanos e as intervenções urbanas.

##### 3.1.2 Concepções do espaço

De acordo com Ferrara (2002), a cidade é composta por espaços diversos. Para Duarte (2002), o espaço é plural. E por dentro de diversos significados, Lefebvre (1991) define o espaço em três conceitos, sendo esses:

- a) Mental (concebido) – determinado através de interpretações mentais;
- b) Físico (percebido) – estruturado pela prática espacial das cidades, com suas construções, praças e ruas;
- c) Vivido (de representação) – abrangendo os dois conceitos anteriores, é composto por simbolismos, abrigando os conflitos do cotidiano.

O espaço urbano enquanto local de vivência para Corrêa (2003), é algo fragmentado e bem estruturado, pois mesmo com diferentes usos, cada parte da fragmentação relaciona-se entre si. Segundo Choay (2003), cada cidade ocupa o espaço de maneira particular e diferenciado, proporcionando assim características individuais a cada local. E Guatelli (2012, p.31) afirma que “o fazer arquitetônico está diretamente vinculado às questões relativas ao espaço.” Pode-se então afirmar que o espaço urbano é o resultado das ações realizadas no presente e também no passado, sendo assim o reflexo da sociedade.

Santos (1997) também nos apresenta definições da questão espacial, afirmando que o espaço é constituído pela relação entre sistema de objetos, elementos que possuem características, e sistema de ações, considerando as ações e informações humanas.

Partindo dessas definições, Duarte (2002) propõem outros dois termos espaciais: lugar e território. Sendo o lugar uma porção do espaço com valores que representam a cultura de uma pessoa ou grupo. E bem como lugar, o território possui uma identidade, porém, é necessário que

uma medida cultural seja imposta ao espaço, para que haja um sistema de valores que determine a dinâmica entre objetos e ações (DUARTE, 2002). O espaço, portanto, é um produto no qual as pessoas se relacionam socialmente, determinando formas e funções, ou seja, “espaço é o suporte material de práticas sociais de tempo compartilhado” (CASTELLS, 1999, p.500).

### 3.1.3 A influência do tempo sobre o espaço:

As noções de espaço e tempo são inseparáveis (SANTOS, 1992), e o tempo afeta a forma de como se vivencia a experiência do espaço (RYKWERT, 2004). Guatelli (2012, p.31) afirma que os lugares se modificam no tempo em virtude das ações decorrentes nesses espaços, ou seja, o espaço não possui uma definição “estável”, mas sim em constante processo.

Castells (1999, p.501) afirma que a mudança na relação das pessoas com os objetos traz novo sentido aos espaços urbanos, resultando em um novo conceito: o “espaço de fluxos”, caracterizado como local de práticas sociais que funcionam por meio de fluxos. Sendo assim, nota-se que os espaços estão sendo transformados pelos fluxos de informação, capital e tecnologia, influenciando diretamente a forma de socialização dos cidadãos e por consequência substituindo os espaços “convencionais” por esses chamados espaços de “fluxos”, perdendo-se certa identidade cultural dos espaços de permanência, por espaços apenas transitórios.

De acordo com as afirmações citadas, nota-se que a relação entre o espaço e tempo tem uma forte influência em como esses espaços se esvaziam ou permanecem vazios, surgindo os chamados “vazios urbanos”.

## 3.2 VAZIOS URBANOS

De acordo com a teórica Clichevsky (2000), atualmente é possível encontrar diversos e variados tipos de terrenos vazios em nossas cidades, estes são encontrados não somente nas periferias, mas também em áreas centrais ou intersticiais, podendo influenciar e definir o crescimento e desenvolvimento das cidades. Em termos sócio-espaciais, os vazios urbanos também definem as formas de expansão urbana e possíveis consequências geradas por essa expansão (CLICHEVSKY, 2000).

Portanto, os vazios urbanos são fenômenos comuns a qualquer cidade e estão presentes na malha urbana do cenário mundial. O termo origina-se do latim e significa o que não contém nada, abandonado, despovoado, ocioso, desocupado, vago, vacante, baldio, devoluto ou subutilizado.

Tais espaços passaram a ser foco de estudos europeus, surgindo assim teorias alemãs e francesas a respeito do assunto. Os alemães iniciaram abordagens sobre o assunto com Ruppert, analisando o conceito de vazio social – *die sozialbrache* - em 1952. Já as teorias francesas tratam das áreas livres e abandonadas no meio urbano e na periferia - *friches urbaines*, 1966 - estudadas pelo francês Jean Labasse, que posteriormente também introduziu o conceito de vazios sociais – *friches sociales*, abordando as dimensões sociais, econômicas e espaciais. Essas teorias apresentam a importância desse fato urbano, apontando possibilidades de intervenções e políticas sobre o espaço, analisando a cultura e identidade local (MENDONÇA, 2001).

Tratando-se do surgimento dessa expressão, podemos afirmar que o vazio urbano é considerado um fenômeno típico da sociedade pós-industrial, decorrente do acelerado processo de urbanização do cenário brasileiro. A partir de 1930 e 1940, o Brasil juntamente com diversos países da América Latina, teve um crescimento expressivo e um fortalecimento do mercado interno, com consequente modernização da sociedade e das cidades. Uma das notáveis consequências desse processo de urbanização, que ocorreu por volta de 1980 e 1990, foi o crescimento das periferias em relação as áreas centrais nas metrópoles, causando um aumento de regiões pobres e por consequência o fortalecimento da desigualdade e exclusão social (MARICATO, 2002).

Santos (1997), seguindo a mesma linha de pensamento, também certifica que o processo de crescimento da sociedade é responsável por processos de desvalorização e revalorização de áreas na cidade. Maricato posteriormente afirma essas consequências na seguinte citação:

“As novas favela e loteamentos ilegais surgem nas terras vazias desprezadas pelo mercado imobiliário privado. Não é por outro motivo que as favelas se multiplicam em áreas públicas, áreas ambientalmente frágeis sobre as quais incidem leis protecionistas como é o caso das áreas *non aedificandi* nas beiras dos córregos (Lei federal 6.766/79). Nas terras vazias situadas em regiões valorizadas pelo mercado imobiliário, até mesmo quando são públicas, a invasão não é admitida. Aí o poder de polícia municipal é exercido e as normas se aplicam.” (MARICATO, 2002, p.83).

Ou seja, as áreas periféricas e consideradas “pobres” abrigam as novas favelas, enquanto lotes em áreas centrais permanecem vazios, criando áreas ociosas e vagas.

Já para Mariano (2010), a formação desses vazios urbanos ocorreram devido ao desenvolvimento do capitalismo que transformaram o espaço em mercadoria. Portas (2000), assim como Maricato (2002) afirma que os vazios urbanos são resíduos desse crescimento acelerado e que muitas vezes esses espaços surgem em áreas de antiga atividade industrial ou locais de transporte sem uso, como zonas ferroviárias, portuárias, áreas essas consolidadas na malha urbana, ou até mesmo deixadas de lado por seus proprietários para a especulação imobiliária (PORTAS, 2000).

Sousa (2010) afirma que a condição de vazio dessas áreas industriais está relacionada à ausência de uso e não de ocupação. Portas (2000) reforça essa afirmação, certificando-se que o vazio urbano é uma expressão ambígua, ou seja, o espaço não precisa estar plenamente vazio de uso, pode ser apenas um espaço desvalorizado, porém com potencial de reutilização. Ainda para Borde (2006, p.8), vazios urbanos são terrenos providos de infraestrutura sem uso ou atividade, ou seja, que não realizam adequadamente sua função social e econômica perante a cidade.

Pode-se afirmar então que os vazios indicam uma interrupção ou alteração na malha urbana, espaços que antes eram considerados como áreas de desenvolvimento, atualmente são apenas espaços ociosos e sem usos. Porém, na arquitetura, podemos visualizar esse espaço como uma local de possível revitalização, reutilização, através da busca por mais urbanidade e incentivos às relações sociais.

Teóricos como Dittmar (2006) consideram os vazios urbanos como áreas em que as cidades buscam a recuperação através de políticas urbanas, considerando-os como espaços em mutação, ou então “não-lugares.” Guatelli (2002, p.114) a complementa dizendo que são áreas “conceituadas como condições para o vir a ser, como possibilidades de atividades”, ou seja, esses espaços chamados de entre-lugares passam a ser instrumento que incentiva performances, respostas e sugere possibilidades que possam ser executadas através de projetos de intervenções, buscando a recuperação e criação de infraestruturas, desenvolvendo intercâmbios sociais, valorizando a imagem das cidades e criando cidades mais humanas, voltadas a pequena escala.

Ainda na visão da arquitetura, Koolhaas (2007) afirma que o vazio é algo que se tem controle por ser imaterial e sujeito a possíveis alterações. Assim como Hardt (2006), que considera o vazio como uma forma de manifestação em relação ao planejamento da cidade, vendo que nem sempre o planejamento feito acompanha o desenvolvimento da cidade em questão.

Segundo Guatelli (2012), o interesse dos projetos de intervenção tem mudado o foco, antes centrado no objeto em si, o interesse agora se volta aos intervalos, para os vazios entre as coisas. Ou seja, há uma mudança na maneira de ver, entender e fazer arquitetura, mudança essa que é evidente em dois aspectos: o espaço deixa de ser secundário em relação a forma e essa relação entre espaço e função em arquitetura, deixa de ser rigorosamente racional.

Dessa forma, devemos considerar os vazios urbanos como oportunidades de mudança, áreas com grande potencial de utilização para as cidades e não apenas deixá-las de lado para especulação imobiliária ou até mesmo o desenvolvimento da criminalidade nas ruas.

### 3.3 INTERVENÇÕES URBANAS

As intervenções urbanas, portanto, são alternativas de ocupação dos espaços, como: espaços em bairros centrais, periféricos, áreas ociosas, áreas provenientes da subutilização, etc. Para realizar projetos de intervenção é preciso ter o conhecimento da herança histórica e patrimonial da cidade e principalmente identificar o porquê se faz necessária a intervenção naquele local.

Vargas e Castilho (2006) compara o termo intervenção urbana com cirurgia, ou seja, o organismo, ou então, a cidade se submete a esse processo diante de algumas situações, como: a recuperação ou manutenção, reparação de danos e até mesmo para se encaixar aos padrões estéticos da atualidade. As autoras ainda afirmam que a recuperação desses centros urbanos busca melhorar a imagem da cidade, preservar a sua história e criar um espírito de comunidade e pertencimento da mesma.

Segundo Hall (1998), esses processos de intervenção surgiram devido à queda da economia americana e inglesa, o que ocasionou o fechamento de muitas empresas e indústrias, criando áreas ociosas citadas anteriormente. Como consequência dessa decadência econômica, várias áreas foram abandonadas, tornando-se necessária uma reestruturação para abrigar novos usos. E foi a partir da metade do século XX que esses projetos urbanos passaram a surgir, com o intuito de auxiliar na consolidação do cenário econômico, cultural e social de áreas degradadas ou abandonadas.

Marcondes (1999) assegura que as chamadas intervenções usualmente buscam a revitalização de locais degradados através da utilização de elementos naturais presentes no espaço. Para Lerner (2011), quando há a existência de um terreno vazio, o mesmo deve ser preenchido instantaneamente e se possível com alguma atividade de animação. Ele destaca também que é importante que hajam espaços de uso misto, ou seja, mistura de funções, provocando assim o conhecimento de cada um sobre a cidade, trazendo a população as ruas e principalmente fazendo com que o espaço urbano provoque essa interação entre a sociedade

Portanto, as intervenções vieram como uma proposta de solução para esses problemas de área abandonadas ou degradadas e para que essas sejam capazes de tornar uma cidade com mais vitalidade, é preciso como o teórico Gehl (2015) afirma, trabalhar com a escala humana, ou seja, criar espaços levando em consideração as limitações e capacidades do nosso corpo, desenvolvendo assim espaços para os pedestres e proporcionando incentivos à toda a população.

## 4 CORRELATOS

Diversos exemplos, projetos e intervenções urbanas contribuíram para as discussões e propostas na busca por uma cidade mais humana. Foram encontrados vários projetos que utilizavam de áreas como vazios urbanos, áreas degradadas ou mal utilizadas como objeto de intervenção, buscando uma melhor qualidade de vida para a cidade. No decorrer deste capítulo serão mostrados exemplos e serão feitas análises de como essas alternativas se encaixariam na pesquisa em questão.

### 4.1 POTSDAMER PLATZ

Projeto de intervenção que ocorreu na cidade de Berlim - Alemanha, entre o Portão de Brandenburgo até a Potsdamer Platz e Leipziger Platz, local este que permaneceu vazio após a queda do muro de Berlim. De acordo com Huyssen (2000, p.98) “era um espaço assustador, entrecruzado por um labirinto de trilhas que levavam a lugar nenhum”.

*Figura 1: Potsdamer Platz , área entre os prédios após intervenção.*

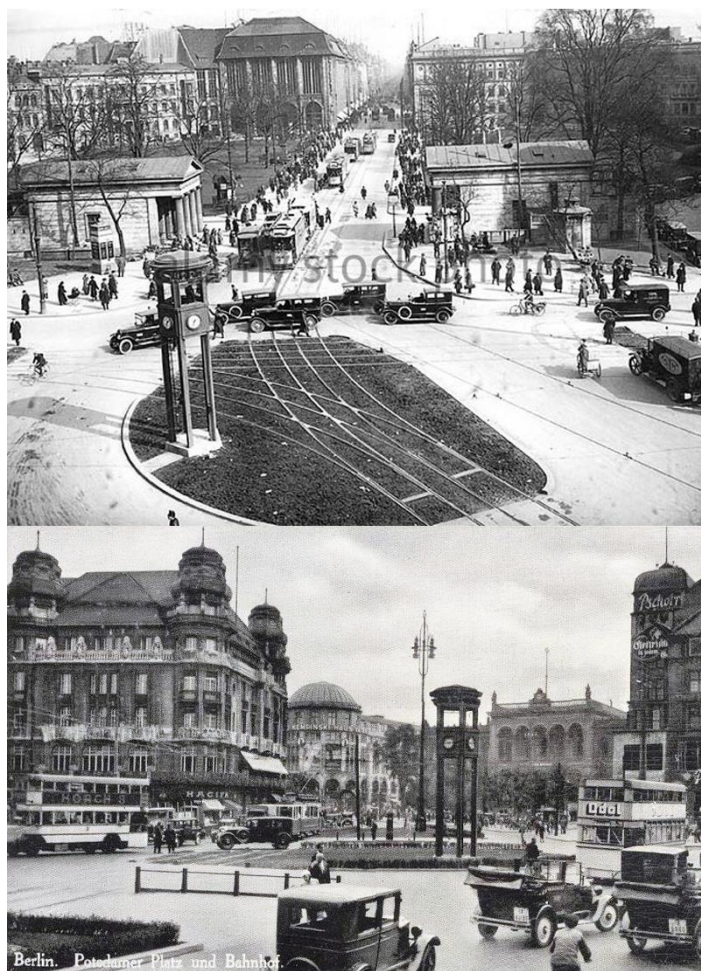


*Fonte: <http://simplesmenteberlim.com/potsdamer-platz/>*

A praça existe desde 1831 e tem esse nome em referência ao Portão de Potsdam, um dos portões que faziam parte da muralha da cidade de Berlim. Este portão dava acesso à estrada em

direção a Potsdam e em 1838 foi construída uma estação de trem que conectava as cidades de Berlim a Potsdam e posteriormente outras cidades também. Em 1907 surgiu uma estação de metrô no local, proporcionando ainda mais o desenvolvimento daquele local, propiciando a construção de hotéis, teatros, cafés, restaurantes e lojas. Nos anos de 1920 e 1930 a região era um ponto de referência à vida noturna da cidade, sendo considerado como “o ponto de transporte e trânsito mais movimentado da Europa.” (ISABEL, 2012).

*Figura 2: Área de Potsdamer Platz antes de ser bombardeada.*



Fonte: <http://transpressnz.blogspot.com.br/2013/03/potsdamer-platz-and-station-berlin-2.html>  
[http://www.gettyimages.com/detail/news-photo/soviet-tanks-and-machine-guns-round-a-turn-into-potsdamer-news-photo/515457372?esource=SEO\\_GIS\\_CDN\\_Redirect](http://www.gettyimages.com/detail/news-photo/soviet-tanks-and-machine-guns-round-a-turn-into-potsdamer-news-photo/515457372?esource=SEO_GIS_CDN_Redirect)

*Elaborado pela autora.*

Porém, assim como o restante da área central de Berlim, Potsdamer Platz foi intensamente bombardeada no período da Segunda Guerra Mundial, destruindo assim inúmeros prédios e construções. Com a divisão de Berlim e posterior construção do muro em 1961, a praça se tornou parte da fronteira de conflitos e interesses, ficando dividida entre ambos os

lados. Por volta de 1970, todas as construções ali existentes foram demolidas, tornando a praça um enorme vazio urbano (VISIT BERLIN, 2017).

*Figura 3: Potsdamer Platz durante o período de construção e posterior remoção do muro de Berlim.*



*Fonte: [www.tripadvisor.com.br](http://www.tripadvisor.com.br) – Elaborado pela autora.*

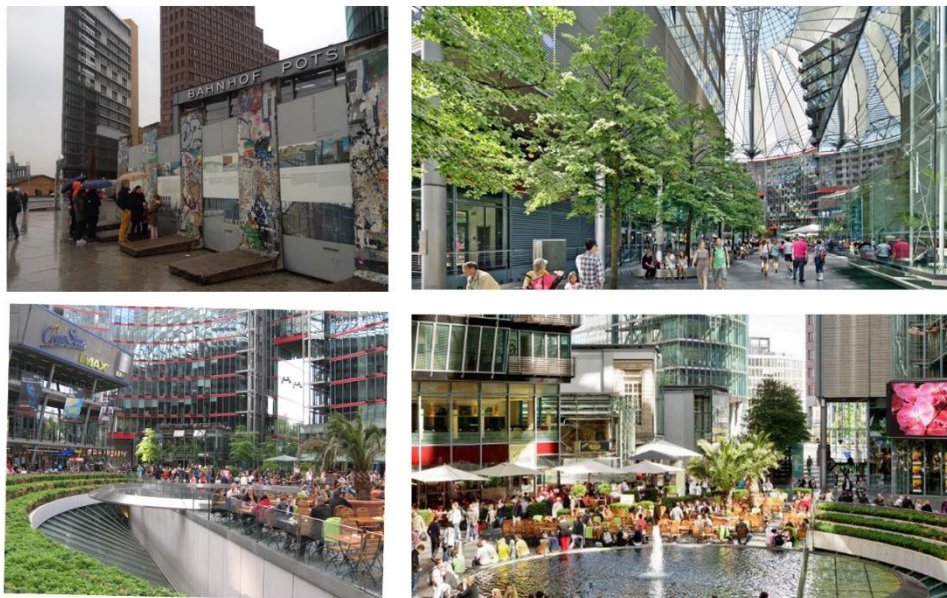
Com a queda do muro de Berlim, o espaço que havia se tornado vazio foi visto como um espaço com grande potencial para interação entre os povos. Surgiu então um “Concurso de ideias da “Praça de Potsdam/ Praça de Leipzig””, em que os arquitetos Heins Hilmer e Cristoph Sattler venceram em 1991. Em 1993, iniciou-se a construção, sendo executada por grandes arquitetos como, Renzo Piano, Richard Rogers e Arata Isozaki, e foi criado ali um novo centro urbano, conjunto de arranha-céus com praças e espaços atrativos para a população, transformando-se em um grande exemplo para futuras intervenções urbanas (VARGAS e CASTILHO, 2006).

*Figura 4: Fragmentos do muro de Berlim.*



*Fonte: <http://simplesmenteberlim.com/potsdamer-platz/>*

*Figura 5: Potsdamer Platz após a queda do muro de Berlim e intervenção urbana.*



*Fonte: <https://www.event-destinations.com/> . Elaborado pela autora.*

Analisando o projeto, percebeu-se que através da intervenção urbana foi possível a recuperação de uma área ociosa que vinha se tornando perigosa devido à localização e histórico da mesma. Essa intervenção foi possível através de políticas sociais, juntamente com incentivo financeiro e político, trazendo assim um novo uso à essa área deteriorada, criando espaços de interação social e também um novo conceito para o centro urbano da cidade, inserido na história da mesma.

#### 4.2 CHICAGO RIVERWALK

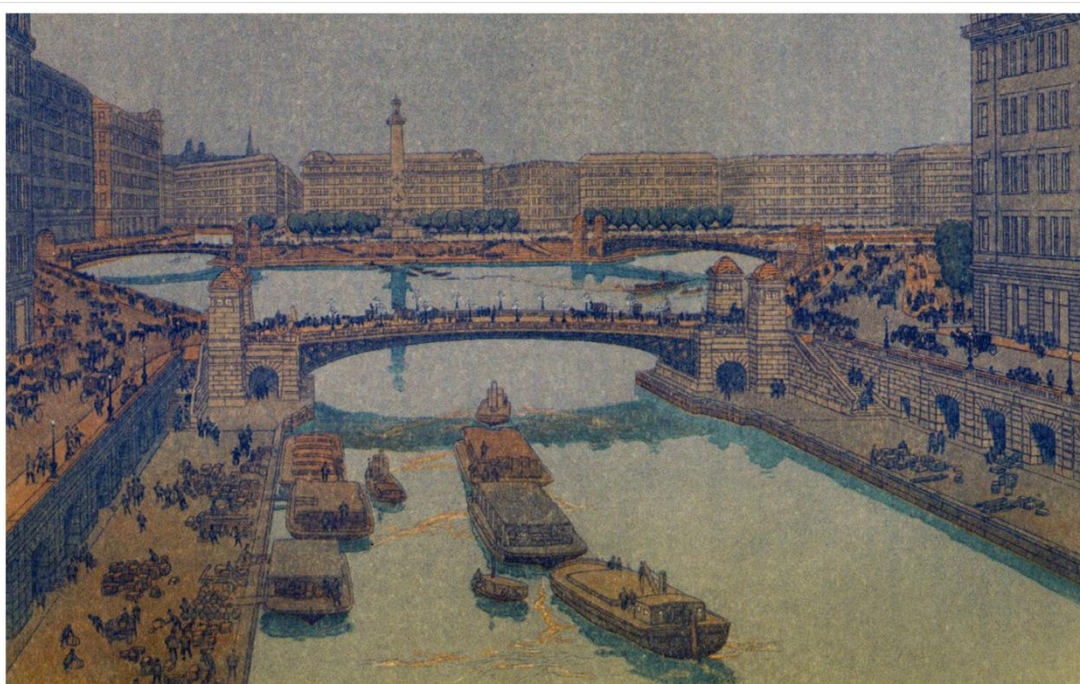
Chicago é uma cidade localizada no estado de Illinois – EUA. A cidade é banhada pelo Lago Michigan à leste, local que abriga diversas áreas de uso coletivo e público, e também possui rios no decorrer da cidade.

O Rio Chicago, que atualmente apresenta projetos de intervenções e recreação para a população, era considerado muito poluído e seu curso natural desaguava no Lago Michigan, poluindo também as águas potáveis do lago. Portanto, o rio passou por uma canalização e teve seu curso invertido, auxiliando na transformação industrial da cidade. Posteriormente, o rio passou por processos de limpeza para retirada de lixos e poluição, após terem limpadado o rio, foram pensadas propostas de intervenção para utilização do rio como grande incentivo econômico e recreativo para a população e cidade.

Contudo, essas intervenções já haviam sido programadas por Daniel Burnham, grande urbanista que fez o planejamento de Chicago após o incêndio, que destruiu 1/3 da cidade em

1871. Burnham então tinha a missão de organizar a malha urbana da cidade que mais crescia no cenário mundial e tinha como propostas: promover a utilização do Lago Michigan para uso público; estender os parques e reservas existentes e preservá-las; organizar ruas e avenidas para facilitar a circulação no centro de negócios e também já havia planejado alternativas com propostas de recreação para o Rio Chicago, sugerindo dois níveis sendo um de uso público e o outro para áreas comerciais e de serviço, como é possível notar na figura 6 (AFTER BURNHAM, 2017).

*Figura 6: Planejamento de Daniel Burnham para o Rio Chicago.*

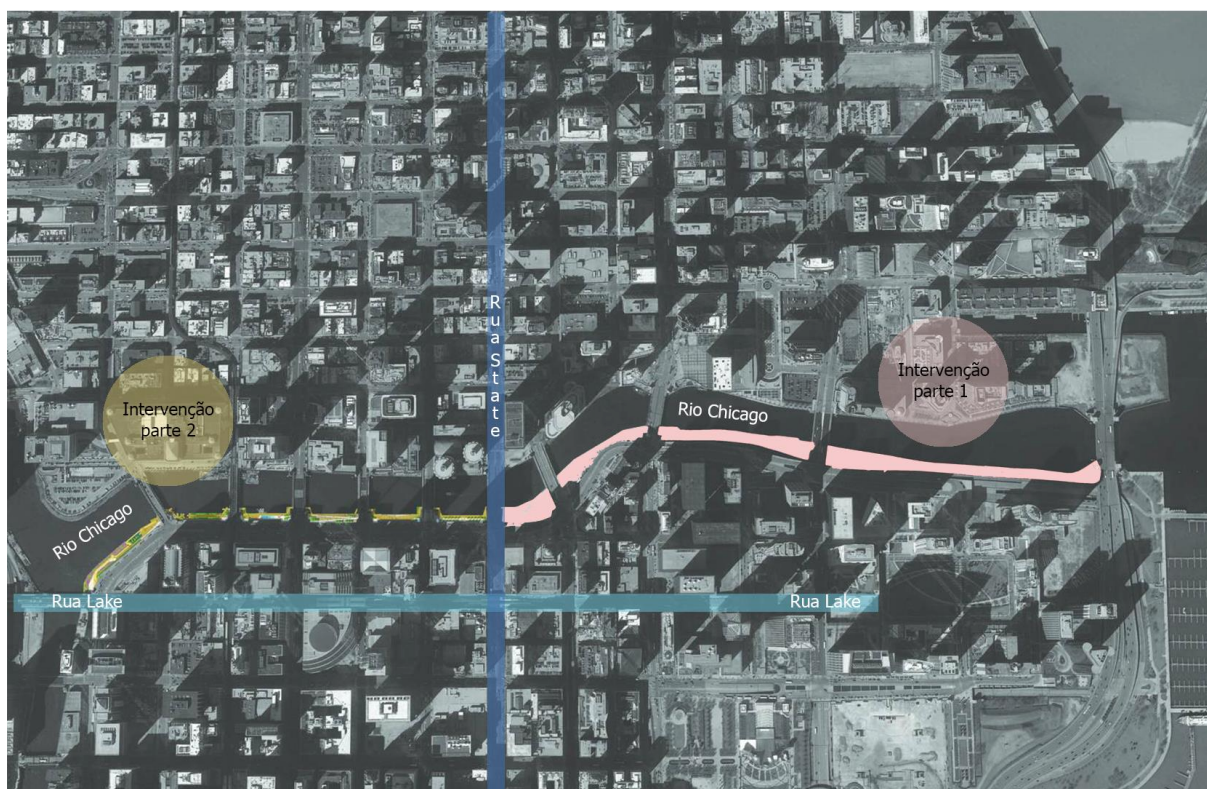


Fonte: <http://afterburnham.com/daniel-burnham-2/>

Apesar do sucesso de seu planejamento, naquela época não foi possível a utilização do rio com intuito de uso público, pois o rio era considerado muito sujo e a população não podia usufruir do mesmo. Anos depois, iniciativas de limpeza nos rios de Chicago se iniciaram, recuperando assim boa parte dos rios e posteriormente sendo possível a criação de propostas para utilização do mesmo.

Por volta do ano de 2001, de acordo com a entrevista com Ross Barney Architects em Built Worlds, começaram investigações a respeito de projetos de intervenção no Rio Chicago – asa norte. O projeto não poderia ser executado no rio em si, mas apenas flutuar sobre ele, portanto foi definida uma margem de aproximadamente 7,5 metros para inserção dessas áreas de intervenção e foram utilizadas 8 quadras nessa fase inicial do projeto. O projeto, como Burnham já havia pensado, deveria estar submerso ou então integrado a malha hídrica.

Figura 7: Mapa de Chicago – áreas de intervenção ao longo do rio.

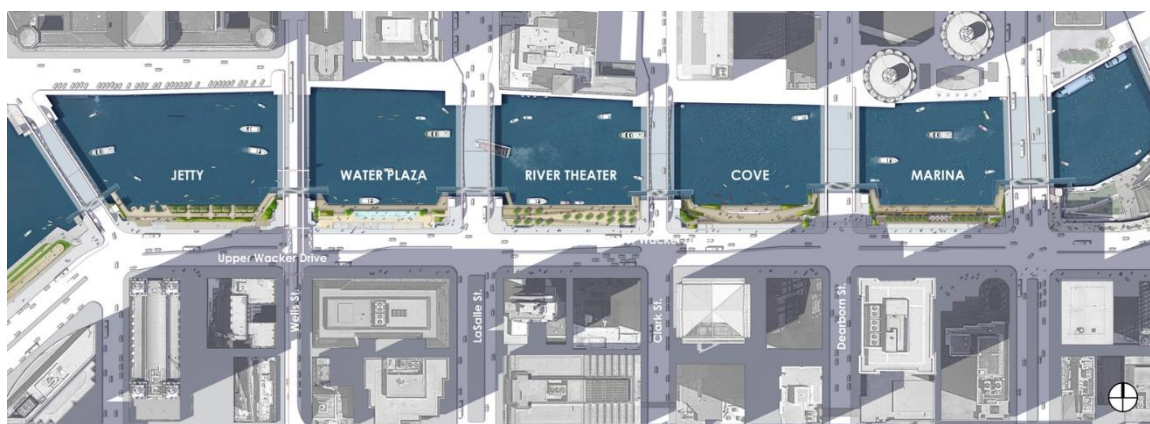


Fonte: Fotografia de Kate Joyce Studios em Archdaily – Elaborado pela autora.

Foram então criadas áreas com escadas, bancos, ciclovias, pistas de caminhada, restaurantes, áreas comerciais ao longo do rio, atraindo a população a utilizar do mesmo como algo do cotidiano. O projeto tinha como objetivo viabilizar a conexão de pedestres ao longo do rio, conectando o Lago Michigan até as convergências do Rio Chicago.

Em 2012, equipes como Ross Barney Architects e Jacobs/Ryan Associates foram os responsáveis para completar a segunda e terceira fase de intervenção sobre o rio, que abordaria as seis quadras entre as ruas State e Lake, como mostradas na figura 7 (CAVALVANTE, 2016).

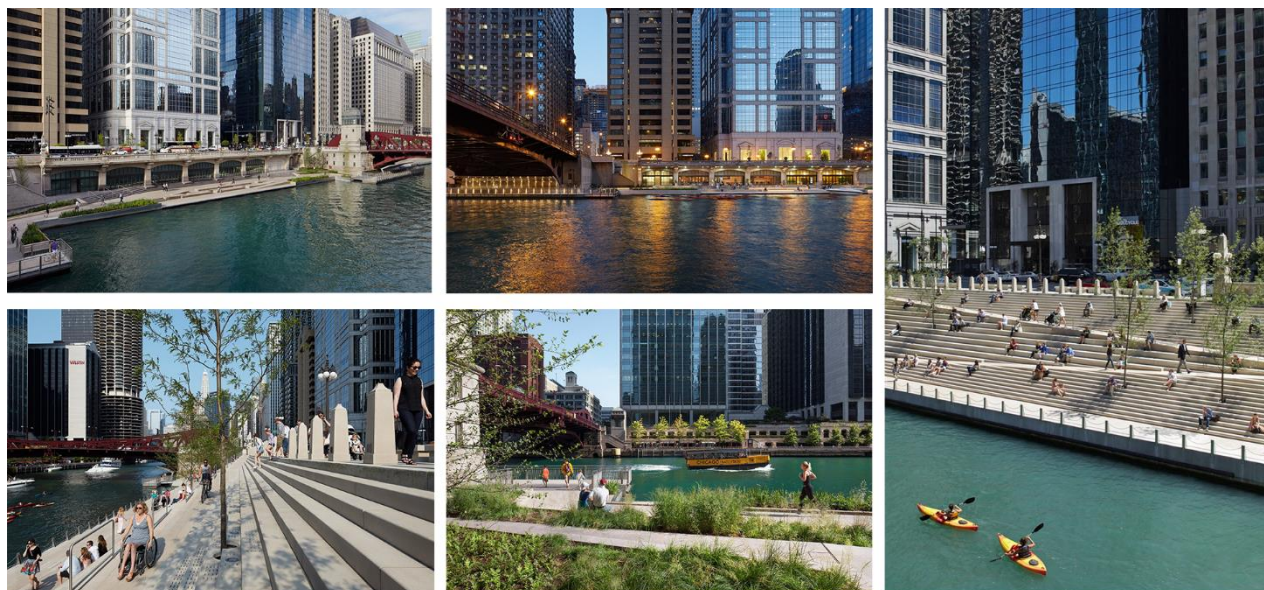
Figura 8: Projeto do riverwalk referente a segunda e terceira fase.



Fonte: Fotografia de Kate Joyce Studios em Archdaily.

As equipes então acabaram enriquecendo e diversificando o cenário ao longo do rio, disponibilizando uma tipologia de uso diferente a cada quadra, envolvendo espaços acessíveis com restaurantes e mesas ao ar livre, aluguel de caiaque, escadaria com rampas oferecendo conectividade entre a plataforma de acesso da ponte até o rio, jardins que oferecem programas educativos e também espaços com exposições sobre a cidade de Chicago, oferecendo acesso contínuo à Rua Lake.

*Figura 9: Espaços referentes a segunda parte da intervenção.*



*Fonte: Fotografia de Kate Joyce Studios em Archdaily – Elaborado pela autora.*

Portando, esse cenário de intervenção, diferente do citado anteriormente, não teve como objeto principal a revitalização de uma área degradada, mas sim uma área que estava sendo subutilizada e através da intervenção foi possível a criação de espaços de uso público e comunitário, promovendo a cidade no cenário econômico e turístico, tornando-se um atrativo a todos que visitam e vivem ali.

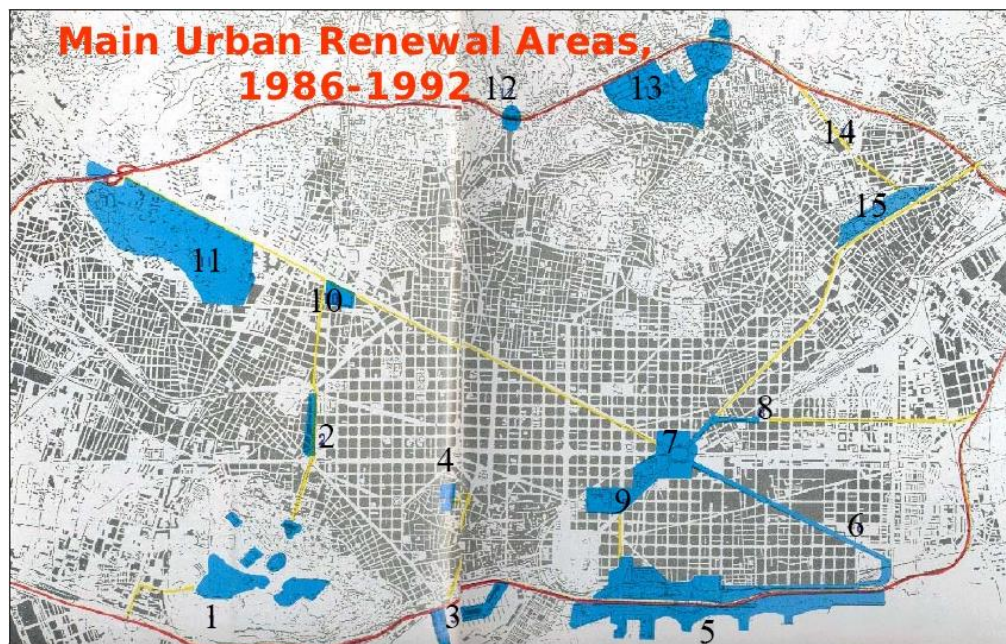
#### 4.3 BARCELONA - ESPANHA

Neste correlato, o contexto da intervenção foi de promover econômica e turisticamente a cidade, ou seja, focando na imagem da cidade através de criação de locais para espetáculos ou eventos ocasionais. Esse modelo foi iniciado em feiras mundiais, como em Paris e Chicago (1889 e 1893), e nesse caso de Barcelona, utilizado para olimpíadas.

Barcelona era cidade sede dos Jogos Olímpicos de 1992, fato este que incentivou a implementação de projetos urbanísticos como o replanejamento de áreas da cidade, refletindo assim positivamente em sua economia (JESUS, 2004). O projeto abrangia várias intervenções

urbanas de grande porte, como por exemplo a recuperação de áreas industriais degradadas junto à orla do Mediterrâneo.

*Figura 10: Áreas escolhidas para instalações olímpicas em Barcelona..*

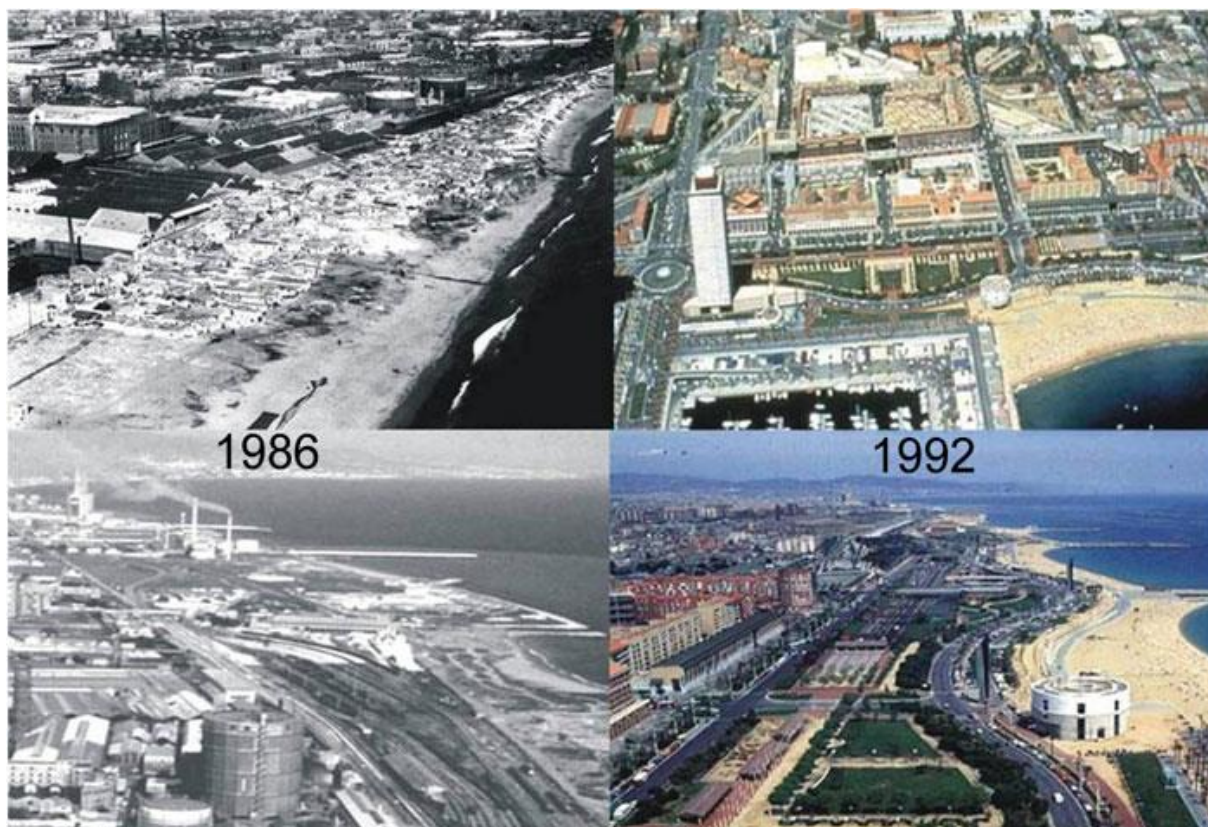


Fonte: [https://pt.slideshare.net/mpsarros/the-impact-of-the-olympics-on-tourism-the-case-of-athens-3346623?next\\_slideshow=1](https://pt.slideshare.net/mpsarros/the-impact-of-the-olympics-on-tourism-the-case-of-athens-3346623?next_slideshow=1) - Elaborado pela autora.

Barcelona, assim como diversas cidades europeias, sofreu uma degradação em áreas industriais, provenientes da queda das atividades entre 1975 e 1985, causando a deterioração da arquitetura e morfologia da cidade. Como consequência desse processo, a Espanha iniciou uma campanha para valorização de seus arquitetos, encomendando diversas obras como, estações de trem e museus, dândo início também aos preparativos para as Olimpíadas de 1992 (DITTMAR, 2006).

Portanto, os Jogos Olímpicos melhoraram significativamente a infraestrutura da cidade, de acordo com Ghirardo (2002). E o ponto de partida para esse conjunto de intervenções foi o aproveitamento dos vazios urbanos, áreas industriais, ferroviárias ou portuárias degradadas em função da crise.

Figura 11: Antes e depois dos projetos urbanísticos de intervenção em Barcelona.



Fonte: <http://centro.niteroi.rj.gov.br/oprojeto/bonsexemplos.php>

Foi nessa época que surgiu o conhecido “modelo Barcelona”, projeto este que tem como base intervenções (desenho urbano e ações de arquitetura) apoiados pelo poder público e privado, seguindo os padrões definidos pelo plano diretor (BELLEZA, 2002).

As áreas escolhidas para as instalações olímpicas, visavam a melhoria da malha urbana existente. A principal área foi a Poble Nou, destinada a Vila Olímpica, uma área sem uso ao longo do litoral mediterrâneo com antigas instalações ferroviárias e portuárias. A reconstrução em um vazio urbano, colocou em prática métodos e ideias discutidas na época (BELLEZA, 2002). O plano de intervenção tinha como objetivo dar ênfase ao lazer, criando parques lineares, abrigando hotéis e conjuntos comerciais e habitacionais.

*Figura 12: Barcelona antes e depois das intervenções.*



Imagens do antes e depois da intervenção  
1990 - 2014

Fonte: <http://www.citymetric.com/horizons/what-makes-successful-olympic-legacy-380>

[https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs\\_revista\\_17/06\\_RFM\\_PLANOS%20PROJETOS%20EV%20ENTOS.pdf](https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_17/06_RFM_PLANOS%20PROJETOS%20EV%20ENTOS.pdf) - Elaborado pela autora.

Após essa fase das olimpíadas, a cidade propôs se integrar a revolução tecnológica. Tendo como base os projetos de intervenção proporcionados pelas olimpíadas, houve a criação de outro projeto chamado de 22@Barcelona, com o intuito de resgatar as antigas áreas industriais da cidade, promovendo a cidade no cenário mundial. De acordo com Barcelona (2005), este projeto de renovação urbana busca um novo conceito para o espaço produtivo, apostando na convivência de uso misto, ou seja, espaços públicos coexistindo com áreas residências, assegurando mais vitalidade ao espaço e a cidade.

Deste modo, percebe-se que Barcelona passou por um replanejamento urbano em determinadas áreas em consequência de um evento internacional. Os projetos de intervenção feitos naquela época à cidade, o chamado “modelo Barcelona”, é considerado até os dias atuais como exemplo e guia para intervenções urbanas. Obras como Puerto Madero, em Buenos Aires é um exemplo que tomou como base as intervenções de Barcelona, assim como o Porto Maravilha no Rio de Janeiro, que também teve como incentivo um evento internacional como as olimpíadas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os vazios urbanos são vistos até hoje como problemas para a sociedade e cidade, porém, através da pesquisa bibliográfica realizada, juntamente com as análises referentes as intervenções mostradas nos correlatos, foi possível observar e afirmar que na visão da arquitetura esses espaços podem ser vistos como algo que se tem controle, ou seja, áreas com potenciais para intervenção e reestruturação em busca de uma melhor qualidade de vida.

Antes da pesquisa, considerava-se vazios urbanos apenas áreas como lotes e terrenos baldios, todavia, com o desenvolvimento da mesma, através das abordagens sobre o tempo e espaço e também história do surgimento desses vazios, considera-se vazios urbanos toda aquela área ou espaço subutilizado, podendo ou não conter infraestrutura, mas não sendo utilizado para o uso adequado, ou seja, não cumprem com a sua função perante a cidade e sociedade.

Para isso, foram feitas breves análises diante de projetos de intervenção em três escalas e provenientes de incentivos diferentes, como degradação no caso de Berlim, área subutilizada no caso de Chicago e incentivos políticos através da divulgação de um grande evento internacional como as olimpíadas em Barcelona. Apesar de cada intervenção ser algo diferente, todas elas tinham o mesmo objetivo de promover espaços de qualidade que viessem a melhorar a imagem da cidade e proporcionasse a interação entre a sociedade, seja através do resgate da história, cultura ou então criação de espaços recreativos.

Desta maneira, é preciso interpretar cada vazio urbano de acordo com seu entorno e história, para depois propor alternativas de intervenção baseando-se na gestão urbana da cidade.

## REFERÊNCIAS

ABNT. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NB 1350 - **Normas para elaboração de plano diretor**. Rio de Janeiro, 1991.

AFTER BURNHAM. **Daniel Burnham and the 1909 Plan of Chicago**. Disponível em: <<http://afterburnham.com/daniel-burnham-2/>> Acesso em: 17 mai. 2017.

ARAUJO, R. **História do planejamento urbano**. 2010. Disponível em: <<http://arquiteturaurb.blogspot.com.br>> Acesso em: 20 de mar. 2017.

BARCELONA. **El proyeto 22@Barcelona**. Barcelona, sept. 2005. Disponível em: <<http://www.22barcelona.com/>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

BELLEZA, A.R.B.P. **Arquitetura e cidade: recuperação e requalificação urbana em São Paulo**. 2002. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BENEVOLO, L. **A cidade e o arquiteto**. 2. ed. São Paulo: PERSPECTIVA, 2004.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. 16ª ed, Rio de Janeiro: LTC, 1999.

BORDE, A.P.L. **Vazios urbanos: perspectivas contemporâneas**. 2006. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

BRASIL. **Estatuto da Cidade: guia para implementação pelos municípios e cidadãos**. 2 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002.

BUILT WORLDS. **\$120M Project to Redevelop the Chicago Riverwalk | Project Innovation: Chicago Riverwalk**. Disponível em: <<http://www.builtworlds.com/video/2016/12/6/200m-project-to-redevelop-the-chicago->

riverwalk-project-innovation-chicago-riverwalk?rq=chicago%20riverwalk> Acesso em: 17 mai. 2017.

CAMBIAGHI, Silvana. **Desenho universal: métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas**. 1ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. v.1. Tradução de: Roneide Venâncio Majer. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTE, Lis Moreira. **Chicago Riverwalk / Departamento de transporte de Chicago**. 2016. Disponível em: < [http://www.archdaily.com.br/br/794654/chicago-riverwalk-departamento-de-transporte-de-chicago#\\_=\\_](http://www.archdaily.com.br/br/794654/chicago-riverwalk-departamento-de-transporte-de-chicago#_=_) > Acesso em: 17 mai. 2017.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson, c2007. xii, 162 p. (Always learning. Metodologia/pesquisa) ISBN 978-85-7605-047-6.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo**. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

CLICHEVSKY, N. **Vazios urbanos nas cidades latino-americanas**. In: **Cadernos de Urbanismo, Vazios urbanos e o planejamento das cidades**. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Urbanismo, n.2, 2000.

COLIN, Silvio. **Uma introdução à Arquitetura**. 3ª ed. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.

COSTA, C. M. M. **Direito Urbanístico Comparado - Planejamento Urbano - Das Constituições aos Tribunais Luso-Brasileiros**. Editora Juruá. 2009. ISBN 978-85- 362-2474-9.

DEL RIO, Vicente. **DESENHO URBANO – no Processo de Planejamento**. 1ª ed. São Paulo: Pini, 1990.

DIAS, C. S.; FEIBER, F. N.; MUKAI, H.; DIAS, S. S. **Cascavel: um espaço no tempo. A História do Planejamento Urbano**. 2o Edição. Cascavel: Sintagma Editores, 2011.

DIAS, Solange Irene Smolarek. **História da Arquitetura I**. 1ª ed. Paraná, 2005.

DITTMAR, A.C.C. **Paisagem e morfologia de vazios urbanos**: análise da transformação dos espaços residuais e remanescente urbanos rodoviários em Curitiba – Paraná, 2006, 230f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana do Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2006.

DUARTE, F. **Crise das matrizes espaciais: arquitetura, cidades, geopolítica, tecnocultura**. São Paulo: Perspectiva; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2002. (Debates; 287).

FARRET, Ricardo Libanes. **O espaço da cidade – contribuição à análise urbana**. 1985 São Paulo: Projeto, 1985.

FERRARA, L. D. **Leitura sem palavras**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002. (Série Princípios, 100).

FILHO, José Augusto de Lira. **Paisagismo – Princípios básicos**. 1ªed. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.

FILHO, Miguel Jeronymo, 2010. **Problemas Sociais Urbanos**. Disponível em: <<http://espacourbanotocolando.blogspot.com.br/2010/04/problemas-sociaisurbanos.html>> Acesso em 20 de mar. 2017.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 3º ed. São Paulo: Perspectiva, 2015)

GHIRARDO, D.Y. **Arquitetura contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Coleção A)

GIL, ANTONIO CARLOS. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GLANCEY, Jonathan. **A História da Arquitetura**. 1ª ed. São Paulo, 2011.

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte**. 16ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

GUATELLI, Igor. **Arquitetura dos Entre-Lugares: sobre a importância do trabalho conceitual**. 1 ° Ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

HALL, P. Cidades do Amanhã: uma história do planejamento e do projeto urbano no século XX. São Paulo: Perspectiva, 1998.

HARDT, L. P. A. **Subsídios à gestão da qualidade da paisagem urbana: aplicação a Curitiba – Paraná**. Curitiba: 2000. Tese (Doutorado em Ciências Florestais), Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná.

HAROUEL, Jean – Louis. **História do Urbanismo**. Campinas, SP – Papirus, 1990.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

ISABEL. **Potsdamer Platz**. Disponível em: < <http://simplesmentebereim.com/potsdamer-platz/>>. Publicado em agosto, 2012. Acesso em: 09 mai. 2017.

JESUS, G.M. de. A cidade e os grandes eventos olímpicos: uma geografia para quem? **Revista digital**. Buenos Aires, ano 10, n.78 nov. 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

KISIL, R. **Pequeno Manual para Elaboração e Propostas para Organizações da Sociedade Civil**. São Paulo. Global. 2001.

KOOLHAAS, R. **Espacio basura**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. 2007

KRÜGER, Eduardo; BASTOS, João Augusto; CARVALHO, Marília G. et al. **Apropriação do Conhecimento Tecnológico**. BASTOS, J. A. (Org.). In: Coletânea Apropriação do Conhecimento Tecnológico. Curitiba: CEFET-PR, 2000. p. 10-30.

LAKATOS, EVA MARIA; MARCONI, MARINA DE ANDRADE. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 4. Ed. Ver. E ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

LEFEBVRE, H. **The production of space**. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana**. 5º Ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MARCONDES, Maria José de Azevedo. **Cidade e Natureza: Proteção dos mananciais e exclusão social**. 9ª ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999

MARIANO, M. **Ocupação e desigualdades no espaço urbano em Cascavel**. Pos Graduação UDESC. 2010

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. 2º Ed. Editora Vozes, Petrópolis, 2002.

MASCARÓ, Juan Luis. **Infraestrutura da Paisagem**. 1ª Porto Alegre: Masquatro, 2008.

MASCARÓ, Lucia. **TECNOLOGIA&ARQUITETURA**. 1ªEdição. Editora Nobel, São Paulo -1989.

MENDONÇA, A. da M. **Vazios e ruínas industriais. Ensaio sobre friches urbaines**. Texto Especial, n. 083, 2001. Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/bases/texto083.asp>>. Acesso em: 07 maio. 2017.

**MINIDICIONÁRIO GAMA KURY da língua portuguesa** / supervisão Adriano da Gama Kury; organização Ubiratan Rosa. – São Paulo: FTD, 2002.

OLIVEIRA, Isabel Cristina Eiras de. **Estatuto da cidade - para compreender**. 1ª ed. Rio de Janeiro: IBAM/DUMA, 2001.

PORTAS, N. **Do vazio ao cheio**. In: **Cadernos de Urbanismo, A globalização da economia e a vida nas cidades**. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Urbanismo, n. 3, 2000.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Afiliada, 2001.

ROGERS, Richard. **Cidades para um pequeno planeta**. 1 º Editorial Gustavo Gilli, SA, Barcelona 2001.

ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RYWWERT, J. **A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade**. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção A).

SABOYA, Renato. **O surgimento do planejamento urbano**. Disponível em: <[http://www.portal.santos.sp.gov.br/seduc/e107\\_files/downloads/planejamento2009/planej\\_urbano.pdf](http://www.portal.santos.sp.gov.br/seduc/e107_files/downloads/planejamento2009/planej_urbano.pdf)> acesso em 21 de mar. 2017.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **Espaço e método**. 3. Ed. São Paulo: Nobel, 1992.

SOUSA C.A. **Do cheio para o vazio. Metodologia e estratégia na avaliação de espaços urbanos obsoletos**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2010.

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard de. **Intervenções em Centros Urbanos: objetivos, estratégias e resultados**. 1ª ed. Barueri, SP: Manole, 2006.

VILLAÇA, F. **Dilemas do Plano Diretor**. In: CEPAM. **O município no século XXI: cenários e perspectivas**. São Paulo: Fundação Prefeito Faria Lima – Cepam, 1999.

VILLASCHI, J. **Novas modalidades de urbanização e inserção territorial: O Condomínio Alphaville Lagoa dos Ingleses**. Nova Lima-Mg. In CASTRIOTA, L.B. **Urbanização Brasileira: redescoberta**. Belo Horizonte. C.Arte. 2003.

VISIT BERLIN, **Praça de Potsdam “Potsdamer Platz”**. Disponível em: <<http://www.visitberlin.de/pt/node/657582>>. Acesso em: 13 mai. 2017.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a Arquitetura**. 5ª ed. São Paulo, 2000.